

## INVEJA: PULSÃO OU DEFESA?

David Epelbaum Zimerman\*

O autor destaca que a distinção entre a concepção do sentimento de inveja como sendo o equivalente direto de uma pulsão, ou como uma defesa, não é um mero exercício de retórica. Pelo contrário, a forma de como o psicanalista a entende em seu analisando, pode determinar profundas modificações quanto à sua atitude analítica.

Inicialmente, o artigo faz uma revisão da conceituação de inveja, e define as diferenças desta com os sentimentos de ciúme, voracidade, despeito e admiração. A inveja aparece conceituada a partir de três vértices: a instintivista, a frustracionista e a narcisística. A seguir, são estudados três aspectos: as particularidades mais específicas que caracterizam uma pessoa invejosa; a metapsicologia da inveja; e a inveja na prática psicanalítica.

### I. Considerações preliminares

O sentimento de inveja é seguramente um dos fenômenos que mais tem merecido da literatura psicanalítica um minucioso e aprofundado estudo quanto às suas causas e conseqüências. Uma revisão dos autores em relação ao estudo da inveja permite verificar quão importante e controvertida é a sua conceituação, tanto do ponto de vista da metapsicologia como da teoria e das aplicações na prática psicanalítica.

Inicialmente, cabe fazer uma distinção entre conceitos que, embora assemelhados, têm características próprias e específicas, tal como são os sentimentos de inveja, ciúme, voracidade, despeito e admiração. Neste trabalho, empregamos a seguinte conceituação de cada um deles:

**Inveja:** implica em uma relação de objeto com uma-única-outra pessoa, e sempre remonta a uma relação diádica e exclusiva com a mãe, a quem o sujeito invejoso quis incorporar e possuir a qualquer preço. Aliás, a etimologia da palavra inveja, formada pelos étimos latinos "in" (dentro de) e "vedere" (olhar), indica claramente o quanto este sentimento alude a um olhar mau que entra dentro do outro. Isso encontra confirmação nos conhecidos jargões populares do tipo: "mau olhado"; "olho grande"; ou uma torcida que "seca" o adversário etc.

**Voracidade:** consiste em um desejo veemente, impetuoso e insaciável e que está excedendo ao que o indivíduo necessita e ao que o objeto é capaz, ou que está disposto a lhe dar. Ao contrário da inveja, que está principalmente conectada com a projeção, a voracidade está com a introjeção. A voracidade, ou avidez, é inseparável da privação e frustração, com as quais mantém uma dupla e íntima relação de causa e efeito.

**Despeito:** é um sentimento algo mesclado à inveja, e que alude a um estado de ressentimento, um misto de raiva e de pesar, devido a uma decepção com o objeto, pela preferência que este tenha dado a outrem. Consoante sua etimologia, a palavra despeito ("de" + "spectare") significa "olhar desde cima para baixo, ficar sobranceiro, desprezar" (Koehler, 1938). No entanto, uma outra possibilidade é que ela resulte dos étimos latinos "des" (privação) + "pectus". Segundo o mesmo dicionário acima citado, "pectus pectoris" significa peito, mente, alma. Essa última morfologia comprova que o des-peitado é o indivíduo que ficou sem o "peito" provedor (Heckler, 1984) e, daí, o surgimento de sentimentos invejosos, vingativos e retaliadores. Assim, a perfídia, que nos dicionários aparece como deslealdade, maldade, traição, é um sentimento diretamente derivado do despeito.

**Ciúme:** é um sentimento intimamente ligado à inveja, porém compreende uma relação de, pelo menos, mais outras duas pessoas envolvidas, de tal sorte que o indivíduo com ciúme sente que o amor que lhe é devido foi roubado, ou está em perigo de sê-lo, pelo seu rival. Assim, o ciumento teme perder o que ele julga lhe pertencer, enquanto a pessoa invejosa sofre ao ver que o outro tem aquilo que ele quer exclusivamente para si mesmo e, deste modo, lhe é penosa a satisfação alheia a ele.

**Admiração:** consiste em uma forma de sentir, que se constitui em um excelente ponto de partida para a formação de sadias identificações com a pessoa admirada. Nos casos em que a inveja for excessiva, este tipo de identificação boa pode ser substituído pelo emprego de imitações. Desta forma, é útil realçar que nem sempre é fácil reconhecer a diferença que delimita entre uma admiração sadia e uma idealização, nos casos em que esta é exagerada e patogênica. Tanto no estado de admiração como no de inveja, a identificação se processa através do desejo inconsciente do sujeito em ser igual ao outro, que é o possuidor dos dotes admirados ou invejados. A diferença consiste no fato de que, na inveja, o desejo de ser igual se fundamenta em uma cobiça voraz e destrutiva, e a identificação resulta imitativa e patógena, enquanto na admiração prevalece um vínculo de amor e propicia uma identificação sadia.

Mais adiante, vamos estabelecer a vinculação e gradação que existe entre a inveja, o ciúme normal e o ciúme delirante.

é importante enfatizar que o objetivo maior deste trabalho, que é o de demarcar a distinção entre a concepção da inveja como sendo a manifestação direta e primária do instinto de morte ou como uma forma de defesa, não é um mero exercício de retórica. Muito pelo contrário, o tipo de entendimento do psicanalista em relação à gênese, ao significado e à função da inveja pode determinar profundas modificações em sua atitude psicanalítica, assim como na atmosfera do campo analítico e na forma e conteúdo das interpretações. (Zimerman, 1991)

### II. Uma revisão conceitual do sentimento de inveja

A origem do sentimento de inveja pode ser compreendida a partir de três perspectivas de concepção: a instintivista, a frustracionista e a narcisística.

Os primeiros estudos, com sistematização psicanalítica acerca do sentimento de inveja, procedem dos ensaios de Freud em relação ao seu clássico conceito de "inveja do pênis". Sabemos que muitas teorias sobre a feminilidade e sexualidade feminina, formuladas por distintos autores, se basearam no aludido aforismo, sendo que o próprio Freud se manteve fiel a este ponto de vista. Assim, em "Análise terminável e interminável" (1937), ao apagar das luzes de sua imensa obra, Freud reitera o seu pessimismo quanto à remoção dessa inevitável inveja do pênis, a qual, "tal qual uma base de rocha, se comporta como uma resistência irreversível ao trabalho analítico". Embora Freud tenha modificado a sua concepção original da organização genital

infantil centrada no monismo sexual fálico e tenha estabelecido uma distinção entre uma, anterior, fase fálica, de uma outra fase posterior, essa sim, genital, a verdade é que, ao longo de sua obra, a ênfase da sexualidade feminina incidiu no primado do falo. Essa concepção falocêntrica de Freud (levada ao extremo, pode-se dizer que a sua formulação seria essa: a mulher é um homem que não deu certo) vem sofrendo pesadas críticas e, hoje, não encontra respaldo científico, e é considerada como um dos poucos pontos frágeis de sua obra. No entanto, essa postulação de Freud merece uma revalidação a partir de um ponto de vista semântico, em que pênis é um designativo de falo, o qual, por sua vez, é um claro símbolo de poder. Dessa forma, o conceito de inveja do pênis, como falo, continua sendo muito importante, desde que também seja extensivo aos homens, e que se leve em conta a importante participação do fator cultural. Aliás, essa última é a posição de Janine Smirgel (1991), uma autora contemporânea, para quem a masculinidade invejada não é a masculinidade objetiva e concreta; antes, é a masculinidade fálica, que daria um poder infinito e uma total segurança, liberdade e isenção de culpas. Diz Smirgel (na pág. 82): "é um desejo narcísico de virilidade que fará a cama da feminilidade".

Abraham, em um clássico e ainda vigente trabalho (1919), dá um significativo destaque ao sentimento de inveja na formação de resistências narcísicas contra o tratamento psicanalítico, por parte dos pacientes, que ele considera como sendo "pseudocolaboradores".

Coube a M. Klein, paciente e discípula de Abraham, fazer um aprofundamento da importância da inveja no desenvolvimento da personalidade humana, desde os seus primórdios. Seus primeiros conceitos originais, explícitos, sobre o sentimento de inveja, foram ditados juntamente com Joan Rivière (1937), onde ela definiu as linhas mestras que viriam a se consolidar em seu importante trabalho "Inveja e gratidão" (1957). Neste último artigo, M. Klein postula a inveja como sendo a primeira externalização e um derivado direto do instinto de morte. É, portanto, uma pulsão inata, a serviço da destrutividade, e é a determinante da formação de fantasias inconscientes, com a respectiva formação da ansiedade de aniquilamento. Todos sabemos da relevância desta conceptualização na construção do edifício teórico-técnico da escola kleiniana: o ataque invejoso, através das projeções, ao seio nutridor e ao corpo materno (abrigo dos tesouros, como o pênis e os bebês), e as respectivas reintrojeções configuram um duplo prejuízo, qual seja, o incremento de ansiedades paranóides (com a ameaça de retaliação contra o ego) e depressivas (ataque aos objetos bons, com o conseqüente sentimento de desvalia).

Outros importantes autores pós-kleinianos desenvolveram reconhecidos ensaios metapsicológicos a partir dessa vertente conceitual de inveja. São exemplos disso, os estudos de Rosenfeld (1971) sobre as organizações narcísicas; os de Bion (1967), especialmente aqueles relativos às funções do Pensamento e do Conhecimento; os de Meltzer (1973) e, mais recentemente, os de John Steiner (1981) acerca da relação perversa entre as partes cindidas do ego; e os de B. Joseph (1988).

Como vimos, tanto em Freud como na escola kleiniana, o sentimento de inveja guarda uma natureza pulsional, inata e irrefreável, ainda que ambos a situem em níveis muito distintos da organização da personalidade.

Na atualidade, no entanto, há uma crescente manifestação de autores contemporâneos, no sentido de conceber a inveja como sendo um sentimento que se forma, secundariamente, tanto como uma reação às privações, como também com um propósito defensivo a serviço de uma sobrevivência psíquica.

Assim, além da teoria pulsional inata, uma segunda forma de compreender o sentimento de inveja, e que é utilizada especialmente por parte dos seguidores da "Psicologia do Ego", consiste em considerá-la como uma reação secundária, de destrutividade e avidez, como uma decorrência das frustrações impostas pela realidade exterior. Embora haja uma importante validade neste vértice de entendimento por parte da aludida corrente psicanalítica, considero a muito parcializada e insuficiente, porquanto sabemos que as frustrações também têm origem interna. Essas últimas começam pelas inevitáveis sensações provindas das próprias vísceras do bebê, e do corpo em geral, e daí se estendendo por todos os desconfortos físicos e psíquicos, especialmente os do não-atendimento, e do não-entendimento, por parte dos pais, das necessidades do seu filhinho, as quais, constitucionalmente, podem estar sendo excessivas.

Eu, particularmente, utilizo em minha prática psicanalítica as concepções teórico-técnicas baseadas em uma terceira perspectiva, a qual consiste em considerar a inveja como um sentimento que é inerente à condição humana e que, sem ser inata, se forma muito precocemente, à medida em que vai se desfazendo o paraíso simbiótico e vai se instalando a necessidade em depender do ambiente exterior. Devido a essa indispensabilidade e precocidade da inveja na evolução psíquica de todo indivíduo, ela pode ser considerada como sendo uma espécie de pulsão (sem ser um inato impulso instintivo propriamente dito) e, ao mesmo tempo, a inveja se institui como um mecanismo defensivo contra os dolorosos sentimentos decorrentes da dependência que nunca será plenamente satisfeita.

Essa perspectiva é, portanto, essencialmente baseada no narcisismo original, com as respectivas feridas e injúrias narcísicas. Sabemos que o narcisismo se satisfaz na relação fusional especular e que, inversamente, a sua contestação produz o reconhecimento da necessidade do outro e daí resulta a inveja com a tensão agressiva. Desse ponto de vista, é a partir da separação que surge a inveja, porquanto esta só pode existir quando existem dois elementos diferentes. Inversamente, a inveja pode originar uma defesa de regressão fusional, para que o ego ideal não sinta a separação e as suas diferenças em relação ao outro.

é necessário esclarecer uma posição conceitual: desde que nasce o bebê depende intrínseca e visceralmente dos cuidados maternos que lhe asseguram a sobrevivência física e psíquica. Este bebê ainda não sente o sentimento que nós, adultos, conhecemos como sendo inveja, pela simples razão de que a sua incompleta maturação neurofisiológica o impede de fazer a diferenciação entre ele e o mundo exterior. é como se todos os estímulos, tanto os prazerosos e gratificantes, como os frustrantes e desprazerosos, partissem de uma mesma e única fonte: ele próprio.

Essas experiências, com as respectivas sensações, vão sendo registradas no ego (o modelo metafórico que me ocorre é o do negativo de um filme fotográfico) sob a forma de engramas que Freud denominou como "representação coisa". à medida que o aparelho mental amadurece, as representações vão se constituindo com a parcialidade dos objetos (e a respectiva memória dos afetos e das significações conseqüentes às experiências com os mesmos), sendo que é relevante consignar que, conforme postulou Bion (1967), a ausência de um seio nutridor bom, é representada no ego como a concretização de uma presença má.

O princípio da busca do prazer está intimamente ligado ao princípio da evitação do desprazer, de tal forma que este último, tendo a negação como égide, se constitui como sendo a essência de todos os mecanismos defensivos, tanto os mais primitivos como os mais evoluídos. Dessa forma, em seu registro imaginário arcaico o bebê, através de sua inerente onipotência (melhor seria dizer: onipotência de natureza neurofisiológica), como que "crê" que a mãe que lhe agasalha, nutre e protege, não é mais do que um prolongamento dele próprio. é isso o que conhecemos como sendo uma relação diádica fusional, e confusional, de natureza simbiótica parasitária, a qual, de uma forma ou de outra, em grau maior ou menor, permanece fixada em algum recanto

do mundo psíquico de todo e qualquer indivíduo, como um eterno "desejo impossível". [é interessante assinalar que a palavra "desejo" se forma a partir dos étimos "de" (privação) e "sidus" (estrela), o que alude à impossibilidade de alcançar e possuir uma estrela do firmamento].

As frustrações que a realidade impõe a este anelado estado narciso idílico desperta no bebê o sentimento de inveja, ou seja, o de um impulso irrefreável em evitar o desprazer por não usufruir do nirvana, e isso ele o faz através de uma combinação de duas modalidades. Uma é a de conseguir a posse total e exclusiva da mãe paraíso, e a segunda forma de inveja consiste em atacar esta mesma mãe, segundo o imaginário princípio de que "ela não tem nada do que eu necessito e, portanto, não vou sofrer, se eu vier a precisar dela". Nessa última possibilidade, pode se dizer que o ataque invejoso visa a proteger o indivíduo de sentir o penoso sentimento de inveja.

### III. Metapsicologia da inveja

Inúmeros fatores concorrem para a gênese, o processamento e as conseqüências do sentimento de inveja em todo e qualquer indivíduo. Guardando uma certa ordem cronológica, segue a enumeração de alguns dos mais importantes desses fatores.

1. O estado de neotenia, pelo qual a criatura humana atravessa um período muito prolongado de uma dependência total, absoluta e irrestrita, em relação à sua mãe.

2. Não se pode falar em inveja nas fases em que se mantém um estado de indiferenciação simbiótico narcisística. A inveja, propriamente dita, coincide com os primeiros movimentos de uma discriminação entre o eu e o outro. De fato, deve ser um período de intenso sofrimento para a "sua majestade, o bebê" (Freud, 1914), o reconhecimento de que ele depende totalmente dos outros e que está à mercê da boa ou má vontade (ou das capacidades) destes últimos.

3. Pela razão de que o lactante não distingue entre ele e a sua mãe, diante das sensações de frio, fome, dor ou solidão, ele "deduz" que no mundo já não há mais leite, bem estar e nem prazer, ou seja, que as coisas valiosas da vida desapareceram. Da mesma forma, provavelmente quando ele é atormentado pela ira, pelo choro intolerável e sufocante, ou pelas cólicas e evacuações dolorosas e queimantes, todo o seu mundo é sentido como sendo um vale de sofrimento, e ele também se sente como torturado e destruído, e tudo isso deve representar uma vivência de algo similar à morte (ansiedade de aniquilamento).

4. Essas experiências de privação despertam na criança o conhecimento da dependência, sob a forma de necessidades básicas, assim como o posterior conhecimento do amor, sob a forma de desejos que, quando excessivos, insaciáveis e compulsórios, se constituem como demandas. Dessa forma, como assinala Joan Rivière (1957), na criança, uma necessidade ou um desejo insatisfeito, vai dar origem a uma sensação similar a de um roubo ou de uma privação injuriosa, e suscita a mesma agressão que lhe provocaria um real ataque dessa natureza. É preciso levar em conta que, mesmo no adulto, o afastamento de alguém ardentemente necessitado, desejado e amado, não se produz sem ódio, despeito e espírito de vingança. Decorre de tudo isso que a dependência é sentida como algo perigoso, pelo fato de que ela implica na possibilidade de vir a sofrer privações muito dolorosas. Em nosso entendimento, é contra essa "dependência má" que a inveja se organiza.

5. Há, portanto, uma inevitável sucessão de penosas feridas narcisísticas, das quais as mais notáveis são: o reconhecimento da criança de que ela depende de outros que são os provedores das necessidades materiais e afetivas; a percepção de que existem diferenças entre ela e o adulto, tanto de sexo, como de geração e de capacidades; a constatação da criança de que ela tem imperfeições, limites e limitações impostas pela realidade, especialmente a inexorabilidade das experiências de separações e as de velhice, doença e morte.

6. O princípio da "evitação do desprazer" encontra a sua mais expressiva contraparte na busca por um estado de completude, ou seja, a de um retorno ao primitivo prazer paradisíaco, sob a forma de uma fusão imaginária com a mãe. A complexidade dessa situação se intensifica quando coincide com o período evolutivo, em que o pensamento não tem condições neurofisiológicas de fazer discriminações. Nestes casos, a função de pensar tem uma natureza sincrética, pela qual há um jogo dialético em que o "ter" e o "ser" se confundem. Este último aspecto tem uma especial importância na determinação dos processos identificatórios.

7. Ego ideal e Ideal do ego. A crença da criança na fantasia de que ela ainda é a possuidora dos atributos onipotente narcisistas, própria do período de indiscriminação, constitui o Ego ideal, o qual está sempre muito presente e atuante na pessoa invejosa. O Ideal do ego, por sua vez, se institui a partir do fato de que as expectativas idealizadas da criança em relação a si mesma, próprias do seu ego ideal, são projetadas nos pais e, aí, elas se somam às expectativas narcisísticas específicas e próprias destes pais. Assim como o superego é o herdeiro do complexo edípico, e o Ego ideal é o herdeiro direto do narcisismo original, pode se dizer que o Ideal do Ego nasce das ruínas do anterior e ele se constitui como o herdeiro do narcisismo dos pais. Da mesma forma: o superego é o representante do que o indivíduo está proibido de ser, ter ou fazer; o Ego ideal é o pólo da grandiosidade e das ambições; e o Ideal do Ego é o pólo do que o indivíduo, no futuro, deve, ou pode, vir a ser. Quanto maior for a distância entre o ego ideal e o ego real, maior será o sentimento de inveja.

8. Formação de fetiches. Comumente, o Ego ideal fica depositado em algo, ou alguém, que ficam sendo os portadores dos atributos narcisistas supervalorizados, como são os de beleza, riqueza, poder, inteligência e prestígio. Este "algo", revestido destes valores narcisistas do Ego ideal, pode ser considerado como sendo um fetiche, sempre que preencher as três condições mínimas que caracterizam a este: uma é a de que ele suplemente, ou complemente, uma falta essencial; a outra consiste em uma metonímia, pela qual a parte passa a ser representada como sendo o todo; e a terceira condição que caracteriza o fetiche é o tato de que este "algo" invejado esteja a serviço de uma negação, do tipo renegação. (O termo original, em alemão, "Verleugnung", costuma ser traduzido tanto por renegação, como também por denegação, recusa, ou desmentida, e corresponde, de certa forma, ao conceito de "K", de Bion). Essa renegação visa preencher o vazio da falha narcísica, através de um fetiche. Quando a inveja for excessiva, a negação assume as características de forclusão, mais própria e determinante das condições psicóticas.

9. Um dos fatores mais importantes no surgimento do sentimento de inveja, quer como causa, quer como efeito, é o que resulta de uma excessiva idealização de uma outra pessoa, a qual se faz portadora de todas as qualidades valoradas, enquanto o sujeito que inveja entra em um círculo vicioso resultante de um auto esvaziamento, acompanhado por uma autodesvalia, que acarreta mais idealização do outro, seguido de mais inveja, num circuito interminável. São inúmeras as conseqüências, conforme será detalhado mais adiante, que advêm da relação que o sujeito com inveja excessiva estabelece com as pessoas que ficam sendo as idealizadas e invejadas.

10. Nos casos de inveja excessiva costuma haver, proporcionalmente, um prejuízo na capacidade de formação de símbolos. Como sabemos, essa capacidade permitiria a substituição de um objeto ausente por um outro equivalente, presente ou abstrato.

Ao invés disso, a valoração e a representação dos objetos ficam sendo de natureza concreto sincrética, ao nível do plano imaginário e, por esta razão, na lógica do invejoso, não existe um objeto que seja análogo: o que há é um objeto único incompartilhável. Nos casos extremos, como nas psicoses, costuma haver uma confusão entre o símbolo e o simbolizado, e esse fenômeno foi descrito por H. Segal com o nome de "equação simbólica" (1954). Bion (1962), por sua vez, estudou com profundidade o fato de que a inveja exagerada impossibilita o indivíduo a tirar um aprendizado com as experiências frustrantes da vida e, desta forma, ele substitui a capacidade de aprender (que implicaria na passagem da posição esquizoparanóica para a posição depressiva, com a consequente formação de pensamentos elaborativos e, daí, ao juízo crítico, formação de conceitos e de abstrações), pelo incremento do uso da onipotência.

11. Existe uma vinculação direta e íntima entre a inveja experimentada para a pessoa representativa da mãe original e o desenvolvimento do ciúme. Essa conceituação independe do vértice teórico, quer este parta da inveja primária dirigida ao seio nutridor da mãe, ou do conceito de inveja secundária, como uma reação e como um mecanismo defensivo contra as frustrações e humilhações providas do meio ambiente. A relação entre os sentimentos de inveja e de ciúme se explica pelo fato de que o pai (ou o seu pênis) se converteu em uma posse da mãe, e é por essa razão que criança, mesmo nas situações triangulares, quer roubar para si, ou a mãe, ou o pai, ter a posse exclusiva de um deles. Quando esse tipo de inveja incide em meninas, pode ocorrer que, em sua vida posterior, todo o êxito em uma relação com os homens adquira o significado de uma vitória sobre uma outra mulher. Reciprocamente, o mesmo ocorre com os homens.

é comum que os sentimentos de inveja e de ciúme coexistam na mesma pessoa, sendo que o grau de intensidade do ciúme percorre uma escala que vai desde um ocasional ciúme normal, passando pelo ciúme neurótico, de natureza possessiva, obscuro e torturante, até atingir o grau de um ciúme delirante, psicótico, em que há uma perda do juízo crítico. Há uma proporção direta entre o nível de ciúme e a intensidade da inveja, na medida em que ambos os sentimentos estão baseados na crença imaginária de posse absoluta do objeto idealizado.

Na inveja prevalece uma hostil negação da dependência do objeto necessitado. No ciúme delirante há o reconhecimento da dependência do objeto, porém este intensamente idealizado, ao mesmo tempo que é vivido como sendo uma legítima posse da pessoa ciumenta, visto que a triangularidade é somente aparente, e o que predomina é uma relação diádica e uma indiscriminação entre o eu e o outro (todos não devem lembrar de um homicídio ocorrido no meio artístico brasileiro, no qual uma conhecida e bela atriz foi cruelmente assassinada por um casal, em que a mulher, impregnada por um ciúme delirante, dias antes do crime, induziu o marido à prática de uma recíproca tatuagem dos nomes de cada um deles, nos genitais do outro, como uma forma de posse e de fusão eterna). No ciúme possessivo neurótico, também há uma excessiva idealização do objeto "amado", porém já há uma discriminação e o começo de uma efetiva triangularidade, sendo válido afirmar que o ciúme possessivo se constitui como uma ponte entre a inveja e o ciúme moderado. Neste último caso, há uma aceitação da dependência de um objeto bom e um considerável avanço na renúncia à idealização exagerada e às ilusões narcísicas.

Dessa forma, pode-se dizer que a capacidade de dar e receber amor está negada na inveja patológica, enquanto ela está presente no ciúme possessivo. É útil deixar claro que as interconexões entre a inveja excessiva e as diversas formas de ciúme têm uma acentuada mobilidade, e que podem reverter-se em um ou em outro sentimento.

#### **IV. Características da pessoa invejosa**

Como uma decorrência direta dos fatores metapsicológicos acima apontados, o indivíduo invejoso apresenta uma série de características que, virtualmente, estão sempre presentes e manifestas. Destas, as mais notórias são as que seguem enumeradas:

1. A inveja sempre se dirige a algo que já pertence a um outro.
2. Este "algo" (pode ser um atributo físico ou psíquico, um bem material etc.) é significado como sendo um fetiche altamente valorizado, e a sua falta é sentida como extremamente dolorosa.
3. Em seu registro imaginário, este algo cobiçado é sentido como sendo especial e único e, portanto, não pode ser compartilhado com mais ninguém.
4. Devido à falha em seu registro simbólico, o indivíduo invejoso não se satisfaz com a obtenção de algo que seja equivalente ao que o outro possui (isso pode ser facilmente observado quando duas ou mais crianças estão brigando pela disputa de um determinado brinquedo ou privilégio).
5. Uma característica inevitável em toda pessoa invejosa é o de um permanente jogo de comparação com os demais, em que há uma única possibilidade: ou ele é o vencedor, ou é o perdedor. Diante da hipótese de vir a ser humilhado como sendo perdedor, é comum que ele evite fazer comparações através do recurso de não se arriscar a pôr em prova as suas legítimas capacidades e, dessa forma, acaba fechando as portas de muitas oportunidades que a vida lhe propicia. Como um reforço dessa posição, o sujeito invejoso prefere ficar abrigado no seguro mundo da ilusão e do devaneio, enquanto torna-se um feroz crítico das realizações dos outros.
6. O indivíduo portador de uma inveja excessiva, devido à identificação projetiva da mesma, terá muito medo da inveja dos outros, tanto por parte de pessoas vivas e reais, como de mortos que estão internalizados. Por essa razão é muito comum que ele tenha insucessos em sua vida, como uma forma de provar que ele não roubou nada de ninguém e que sequer representa uma ameaça para os demais.
7. Há uma extrema sensibilidade à perda de qualquer coisa que tenha sido significada como sendo boa e valiosa. Isso se deve a uma lógica, inversa, do tipo: "se eu não tenho, ou se perdi, é porque eu devo ser indigno e imerecedor de possuir o que é bom; o outro, sim, tem porque merece".
8. Para amainar a extrema dor da privação, o invejoso somente encontra duas soluções. Uma é a de arrebatar para si aquilo que é do outro, quer por meios violentos ou, o que é mais comum, através de uma sagacidade maquiavélica. A outra solução é a de privar o outro da posse do algo idealizado e cobiçado, o que comumente é feito por meio de um maciço denegrimiento daquele.
9. É preciso considerar que na criança, ou mesmo no adulto, que sinte como sendo um abandono o afastamento de alguém ardentemente desejado e amado, isso não se produz sem ódio, despeito e juras de vingança. São pessoas ressentidas e rancorosas (esta palavra vem do étimo latino "rancidus", que também dá origem a "ranço" e a "rancor", sendo muito significativo o fato de que o sentimento de rancor esteja intimamente conectado com o ranço de um tempo antigo). Por essa razão, nos casos

mais extremos, essas pessoas caracterizam os seus inter-relacionamentos com as inúmeras variantes de desprezo, deslealdade, traição, infidelidade e perfídia.

10. Outras pessoas, igualmente despeitadas, ressentidas e rancorosas, podem passar as suas vidas colecionando injustiças e decepções, sendo que é importante levarmos em conta o fato de que uma indignação "justa" pode ser uma das formas mais terríveis e vingativas do prazer agressivo. Assim, elas buscam a completude de seus desejos excessivos e irrealizáveis, de tal sorte que costumam encontrar uma fonte gratificatória dos mesmos, a qual, no entanto, é de duração limitada. Logo sobrevém uma decepção seguida por um afastamento, desprezo e rechaço homicida (através de um pensamento do tipo: "depois dessa, fulano morreu para mim"), e todo o ciclo recomeça imediatamente depois, com uma nova e inalcançável busca do paraíso perdido.

11. Da mesma forma como o "coleccionador de injustiças", também há o "coleccionador de amizades". Trata-se do indivíduo que tem uma grande necessidade de reunir e acumular uma grande quantidade de pessoas que lhe garantam o reassseguramento de que ele é um ser que, de fato, existe, e de que ele não é mau e nem invejoso, pelo contrário, de que ele é bom e amado e que, além disso, nunca ficará sozinho, pois se uma amizade faltar, sempre terá uma outra a quem recorrer. São pessoas que cultivam uma popularidade e fraternalizam as suas relações, sendo que, no fundo, elas podem estar utilizando o amor como uma forma de desviar o ódio e os seus perigos. Para completar o quadro de seus inter-relacionamentos, vale registrar o fato de que a pessoa invejosa, quando for bem dotada de certos atributos valorados, costuma ser um "coleccionador de adoradores", isto é, necessita ficar rodeada, de pessoas, preferentemente mediocres (ao mesmo tempo tem uma intolerância pelos que são assim), que não lhe representem uma ameaça em vir a lhe despertar o tão doloroso sentimento de inveja e que, além disso, lhe garantam o alimento necessário para a exaltação narcísica da auto-estima.

Esta linha de entendimento permite compreender porque estes indivíduos apresentam dificuldades tanto com a geração mais jovem (a comparação lhes é intolerável), como com a velhice (lembra o colapso narcisista).

12. Como vimos, enquanto o ciumento teme perder o que julga possuir, o indivíduo invejoso sofre ao ver que o outro possui aquilo que ele quer exclusivamente para si próprio e, deste modo, lhe é penosa a satisfação alheia a ele. Assim, uma causa comum de inveja é a constatação da ausência deste sentimento em outros e, por esta razão, um importante método, sutil, porém muito freqüente, de defesa contra o surgimento da inveja, consiste em despertar esse sentimento nos demais. São os conhecidos e compulsivos "contadores de vantagens".

13. Um outro método para se defender da inveja, além do denegrimiento do valor do outro, e de sua autopromoção, consiste em sufocar os sentimentos de amor e de trocá-los pelos de ódio, porque estes últimos são mais fáceis de suportar, já que previnem uma insuportável frustração, ao mesmo tempo que mitigam os sentimentos de culpa, os quais ficam mais intensos quando prevalece o sentimento de amor.

14. Uma combinação dos dois últimos itens acima resulta no que pode ser descrito como a "técnica da provocação", pela qual a pessoa invejosa busca espoliar o outro de atributos que este possui e que ele inveja. Assim, é muito comum que hajam situações analíticas em que o paciente invejoso consiga irritar o psicanalista, privando-o da tranquilidade invejada, e assim ele não teria que valorizar ou admirar o analista e nenhuma inveja seria mobilizada. (B. Joseph, 1982)

## **V. A inveja na prática psicanalítica**

Durante muitas décadas, seguindo a Freud, os psicanalistas deram uma prioridade especial, na análise de mulheres, ao aspecto da "inveja do pênis", o qual era considerado como sendo o aspecto essencial (na análise dos homens, a maior resistência se deveria à homossexualidade sempre latente). Na atualidade, os autores estabelecem uma diferença muito significativa entre pênis (como um concreto órgão anatômico) e falo (um símbolo de poder que, comumente, também pode estar representado pelo próprio pênis). A partir dessa conceitualização, a técnica do psicanalista passa a ficar mais centrada no que poderíamos chamar de "inveja fálica", e esta é extensiva aos homens.

Depois do trabalho de M. Klein, "Inveja e gratidão", de 1957, os psicanalistas seguidores dessa corrente, desde essa data até 1970 aproximadamente, interpretavam a inveja de forma sistemática, exaustiva e prioritária, diretamente no material do paciente. Por essa época, Rosenfeld (1971) postulou que o narcisismo se constituía como uma defesa contra a inveja e, da mesma forma, as relações narcisistas de objeto seriam defesas contra qualquer reconhecimento da existência de uma separação entre o self e o objeto. H. Segal (citada por Spillius, 1991, p. 553) complementa essa posição, afirmando que o narcisismo e a inveja são duas faces de uma mesma moeda.

Tendo em vista que o título do presente artigo é "Inveja: pulsão ou defesa?", nada mais justo do que basearmos muitas das considerações que seguem através da evolução dos conceitos emitidos por Rosenfeld, tanto pela razão de que este psicanalista goza de um reconhecido respeito no mundo psicanalítico, como também por ter sido um dos poucos autores a ter trabalhado profunda e predominantemente com pacientes psicóticos, o que possibilita uma observação mais aguda da gênese e do manejo técnico da inveja. Uma terceira razão é a de que Rosenfeld nunca dissocia a teoria e a técnica de sua prática clínica e, por isso, suas concepções acerca da inveja sofreram sucessivas modificações ao longo de sua obra. Em seu último livro, "Impasse e interpretação" (1987), pode-se perceber claramente as aludidas modificações conceituais e técnicas, e creio ser legítimo afirmar que, inicialmente, nos anos 50, ele concebeu a inveja como sendo tanática primária, enquanto que, a partir da década de 80, notadamente no que se refere à técnica, a sua inclinação é nitidamente direcionada a uma concepção da inveja como sendo uma reação defensiva.

Assim, gradativamente, Rosenfeld foi enfatizando a sua convicção de que a inveja dificilmente aparece diretamente no material do paciente, mesmo quando são feitas referências explícitas a ela, sendo que o analista somente consegue entrar em contato com as manifestações das relações de objetos que evidenciam a natureza narcisística das mesmas. Em outras palavras, o psicanalista entra em contato muito mais freqüentemente com as defesas contra a inveja do que com esta diretamente. A partir deste ponto de vista, as interpretações passam a ficar primordialmente mais centradas nas dificuldades do paciente em perceber o analista como alguém separado dele, e o horror a ter que depender de um objeto que não está sob o seu controle onipotente e que, por isso mesmo, pode vir a humilhá-lo e a fazê-lo sofrer.

Essa importante mutação conceitual de Rosenfeld, com a qual sinto me plenamente identificado, pode ser claramente confirmada quando, ao tratar do relevante problema do Impasse e da Reação Terapêutica Negativa, ele afirma (p. 32) que "... Nessa época (1958), eu e outros analistas kleinianos acreditávamos que, por meio de uma análise detalhada da inveja na situação de transferência, seria possível impedir que ocorresse um impasse na análise. Contudo, como passar do tempo, minha

experiência mostrou que isso só se dava em certos casos... Uma ênfase excessiva na interpretação da inveja ou a supervalorização da contribuição do analista, comparada com a do paciente, é uma causa freqüente do Impasse".

Da mesma forma, Spillius (1991) assevera que, na atualidade, a maior parte dos analistas kleinianos tem se mostrado menos inclinados a encontrar a confirmação da inveja primitiva em todo seu material clínico.

Baseados em Rosenfeld e em outros autores contemporâneos, podemos extrair as seguintes recomendações técnicas, particularmente para os pacientes muito regressivos:

- O psicanalista deve levar em conta que este tipo de paciente sente a análise e as interpretações como uma forma de estar sendo humilhado, pelo fato de ele reconhecer que necessita do analista e de que este o está entendendo melhor do que ele próprio. Isso se deve ao fato de que fica ameaçada a auto idealização, a qual, por sua vez, costuma ser uma rígida defesa narcisista contra o sentimento de inveja.

- Em relação ao destino das interpretações, é necessário considerar que o principal objetivo do paciente muito invejoso pode estar sendo o de utilizar o seu pensamento e a sua comunicação para provar que o outro (o analista, na transferência) está equivocado. É muito comum que este paciente utilize o fenômeno que Bion denominou como "reversão de perspectiva" (1967), pelo qual ele, intimamente, reverte às suas premissas básicas tudo o que ouve do seu terapeuta e, seguidamente, após decorrido algum tempo, breve ou longo, reconhece este mesmo insight como tendo sido uma descoberta exclusiva dele próprio. É preciso levarem conta que, na posição narcisista do paciente invejoso, os sentimentos não são tanto de culpas (que resultam do conflito superego x ego), mas muito mais de vergonha (ideal do ego x ego real) e de humilhação (ego ideal x ego real). Decorre daí uma grande vulnerabilidade a um colapso narcisista e, portanto, a uma depressão de natureza narcisística.

- Pelas razões expostas acima, é recomendável que, na interpretação das verdades penosas, o analista inclua os aspectos positivos do paciente e, especialmente, a compreensão das razões inconscientes que forçaram a emergência da inveja, como uma medida de sobrevivência psíquica.

- A interpretação da inveja não deve ser repetida muito freqüentemente e a ênfase deve estar em ajudar o paciente a suportar a dor, o desconforto e a vergonha que a inveja causa, porque ela inibe a capacidade para amar. Rosenfeld recomenda que unicamente nos casos em que já tenha havido sensíveis progressos com os pacientes muito regressivos é que se torna viável a interpretação direta da inveja destrutiva.

- A idealização excessiva (ideal do ego) pode ser facilmente observada tanto na extratransferência como na transferência propriamente dita, e ela costuma acarreta algumas conseqüências prejudiciais. A primeira é a do estabelecimento de um círculo vicioso em que a idealização do psicanalista espolia o paciente de suas próprias qualidades e, por sentir se esvaziado, ele entra em um processo de desvalia, a qual lhe incrementa a inveja, que ele tenta controlar por um novo reforço da idealização do analista, e recomeça todo o círculo vicioso de causa efeito. Uma outra conseqüência é que o psicanalista idealizado pelo paciente invejoso será visto como alguém tão auto suficiente e feliz que não vai precisar dele e isso lhe acarreta um permanente sobressalto em vir a perder o tão necessário amor daquele.

- É importante, no entanto, que o analista tenha em mente o fato de que ele deve transitoriamente, aceitar uma necessária e estruturante idealização excessiva desde que esta não vá se constituir como uma constante transferencial e, muito menos em um conluio transferencial contratransferencial, cimentado em uma recíproca fascinação narcisística.

- Como decorrência do item anterior, um dos principais objetivos do tratamento psicanalítico consiste em promover o resgate das capacidades do analisando, as quais são legítimas, embora estejam aparentemente ausentes. Isso resulta tanto do fato de que essas capacidades estejam ocultas dentro de si próprio (devido a um depressivo sentimento de imerecimento, ou ao medo da ira e da inveja dos outros), como essas capacidades podem estar desaparecidas, por estarem projetadas em outras pessoas por ele idealizadas.

- A evolução exitosa da análise destes pacientes regressivos, portadores de inveja excessiva ou de ciúme possessivo, consiste em possibilitar que haja uma gradativa mudança transferencial em relação à figura do analista, no sentido de passar de um objeto excessivamente idealizado (ou denegrido) para a condição de sentir o terapeuta simplesmente como um objeto bom e confiável, o que vem seguido de uma progressiva aceitação de uma dependência deste. Isso vem acompanhado por uma paralela renúncia à posição narcisista, o que se processa simultaneamente com a transição da posição esquiva zoparanóide para a posição depressiva, segundo o referencial kleiniano.

- Creio, pois, ser válido que se estabeleça uma distinção entre uma inveja "má" (destrutiva e desestruturante) e uma inveja "boa", estruturante, que se forma sem ódio excessivo, mesclada com admiração pela pessoa invejada, e por uma cobiça que funciona como uma sábia emulação.

- Somente quando o analisando sente que está sendo entendido em seu sofrimento, aceito com as suas maldades, respeitado em suas limitações, realmente ajudado em sua análise, reassegurado de que o seu analista não repete as imposições tanáticas de seus objetos internos, sobrevive aos ataques e não responde com ira, indiferença ou triunfo, e que ele tem um espaço realmente livre para pensar e para crescer, é que a inveja diminui gradual e firmemente.

## SUMMARY

This paper detaches the importance of recognizing the distinction between the two conceptions about envy sentiment: as a innate instinctive drive, or as a defence mechanism.

The author makes a review about the envy conceptualization and emphasizes three aspects: the specific particularities of an envious person; the metapsychology of envy; the importance of the envy, and how to handle in psychoanalytical practice.

## Referências

- ABRAHAM, K. (1919). Una forma particular de resistencia neurotica contra el metodo psicoanalitico. In *Psicoanalysis clinico*. Buenos Aires: Paidós, 1959, pp. 231-7.
- BION, W. R. (1962). *Aprendiendo de la experiencia*. Buenos Aires: Paidós, 1966.
- (1970). *Volviendo a pensar*. 3a. edicion. Buenos Aires: Hormé, 1985.
- FREUD, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. S.E. 14, 1972.
- (1925) A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. "Algumas conseqüências psíquicas da

distinção anatômica. "S. E. 17, 1972.

(1937). Analisis terminable e interminable. In Estudio sobre el analisis terminable interminable. Londres: Tecnipublicaciones S.A., 1987, p. 253.

HEKLER, E.; BACK, S.; MASSING, E. (1984). Dicionário morfológico da língua portuguesa São Leopoldo: Unisinos, Vol. III, 1984, p. 3153.

JOSEPH, B. (1988). Relações objetais na prática clínica. In Melanie Klein: Evoluções. & Paulo: Escuta, 1989, p. 168.

KLEIN, M. (1957). Envidia y gratitud. In Las emociones basicas dei hombre. Buenos Aires Nova, 1960.

KLEIN, M. y RIVIERE, J. (1937). Amor, Odio y Reparacion. In Las emociones basicas c hombre. Buenos Aires: Nova, 1960.

KOEHLER, H. S. J. (1938). Pequeno dicionário escolar latino português. Porto Alegre: Glob 14a. ed., 1960, p. 213.

MELTZER, D. (1973). Sexualidade infantil perversa. In Estados sexuais da mente. Rio c Janeiro: Imago, 1979.

ROSENFELD, H. (1971). Uma abordagem clínica à teoria psicanalítica das pulsões de vide de morte. Uma investigação dos aspectos agressivos do narcisismo. In Melanie Kle, Evoluções. São Paulo: Escuta, 1989. .

ROSENFELD (1987). Impasse e interpretação. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 32.

SEGAL, H. (1954). Notas sobre a formação de símbolos. In A obra de Hanna Segal. Rio Janeiro: Imago, 1983.

SMIRGEL, J. CH. ética e estética da perversão. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991, p. 82

SPILLIUS, E.B. (1991). A interpretação da inveja na análise. Rev. Bras. Psicanálise. Vol. XX n. 3, 1991, p. 551.

STEINER, J.(1981). Relações perversas entre partes do self: um exemplo clínico. In Melani Klein Evoluções. São Paulo: Escuta, 1989.

ZIMERMAN, D. E. Atributos do psicanalista em relação à evolução da psicanálise. In IDE, S Paulo, 1991.

**David Epelbaum Zimmerman**

Rua Marquês do Herval, 16/1002

90570-140 Porto Alegre RS

© Revista de Psicanálise - SPPA

---

\* Membro Efetivo da SPPA.

---

[| Voltar ao Topo |](#)

[| Voltar ao Sumário |](#)